

DESAFIOS DO SÉCULO XXI PARA A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA*

TRADUZIDO PELA PSICÓLOGA RAQUEL WRONA



Alberto Segrera

Resumo: Para comemorar os sessenta anos da ACP em Dezembro de 2000 o autor traça uma panorâmica da abordagem rogeriana desde a Psicologia Centrada no Cliente, salientando que ainda hoje a ACP se centra no campo da Psicologia Clínica onde nasceu e é menos participante noutros campos que deverão ser olhados com maior atenção e cuidado, empreendendo um estudo multidisciplinar do fenómeno humano.

O autor entende que a ACP deverá fortalecer a sua identidade, aprofundar os conceitos de Counselling e Psicoterapia e derrubar as fronteiras entre as diferentes linhas da Psicoterapia todas elas contendo em germen o pensamento original de Rogers.

Propõe ainda o autor, como desafio para o próximo século, uma maior aproximação a outras Escolas de Psicologia, especialmente as da Psicologia Humanista, o aprofundamento dos seus fundamentos filosóficos valorizando a visão optimista e positiva do ser humano, aceitando todos os contributos oriundos das diferentes culturas e abrangendo o seu actual âmbito num esforço para uma visão holística e transdisciplinar do ser humano. Incita a um maior esforço nos âmbitos da formação, das estruturas, da difusão e intercâmbio de trabalhos de investigação, da criação de centros de documentação e de organização de reuniões internacionais no sentido de recuperar e preservar a história da ACP.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa - Counselling - Psicoterapia - Holístico - Ser humano.

Abstract: To celebrate the 60 years old of the P.C.A. in December 2000 the author presents an overview of the rogerian approach from the Client Centered Psychotherapy, underlining that even today the PCA joins the Clinical Psychology where it was born and it's less involved in other fields which must be faced with more attention and care, trying a multidisciplinary study of the human phenomenon.

The author believes that the PCA must strengthen its identity, develop the concepts of Counselling and Psychotherapy and pull down the walls among the different lines of its therapy, all of them containing in germen Carl Rogers' original thinking.

He also proposes, as a challenge to the next century, a closer step to other Psychological models, specially the Humanistic ones, a serious study on its philosophical bases, valuing the optimistic and positive view of the human being, accepting the contributions coming from different cultures and enlarging its present field of action in an effort to an holistic and transdisciplinary view of human being. He urges to a greater effort in some fields such as training, structures, communication and interchange of investigation writings, creation of documentation centers and organisation of international meetings as a way of regaining and preserving the PCA history.

Keywords: Person-Centered Approach - Counselling - Psychotherapy - Holistic - Human being.

* Nota do Editor: Este artigo foi escrito antes do início da publicação desta revista.

No início do próximo século, em Dezembro do ano 2000, a Abordagem Centrada na Pessoa completará sessenta anos de existência. Agradeço a oportunidade que se me apresenta de propor uma visão pessoal sobre alguns desafios que a Abordagem deverá enfrentar para resolver certas aparentes contradições e constituir-se como uma alternativa válida de referencial teórico, de sistematização dos elementos adequados para a compreensão da vida e para a promoção do desenvolvimento humano durante o século XXI.

A Abordagem Centrada na Pessoa nasceu no campo da Psicologia Clínica como uma teoria da Psicoterapia ou do Counselling. Neste campo, Rogers e inúmeros colaboradores desenvolveram os constructos centrais da Abordagem, partindo da sua experiência profissional, para aplicá-los à tal actividade. Resultante disso é o facto de ser durante muito tempo, e ainda actualmente, conhecida por muitos como Psicoterapia Centrada no Cliente.

Posteriormente Rogers ampliou as suas perspectivas, propôs a existência de uma teoria geral das relações interpessoais e sua aplicação a vários campos da vida humana. No entanto, por diversas razões, mesmo na actualidade a maioria dos profissionais e académicos que baseiam o seu trabalho na Abordagem Centrada na Pessoa continua vinculada ao campo da Psicologia Clínica, sendo menos frequente a sua participação no campo da educação e ainda menos nos campos da organização, da sociedade e da transcendência.

Daí ocorrerem muitas confusões, até mesmo discussões, entre diversos profissionais, em relação à amplitude teórica e aos campos de aplicação da Abordagem Centrada na Pessoa. É por isso que considero que a Abordagem Centrada na Pessoa requer fortalecer a sua identidade teórica e profissional, aceitando o desafio de consegui-lo sem endurecer dogmaticamente as suas concepções.

O próprio Rogers utilizou frequentemente os termos Orientação (Counselling) e Psicoterapia de maneira indistinta; há, no entanto, entre os profissionais, diferentes concepções, não suficientemente trabalhadas, sobre profundidade, aplicabilidade e objectivos de uma e outra. É preciso aprofundar nas respectivas identidades, as semelhanças e matizes entre os constructos representados por tais termos.

Ainda assim, isso nos requer assumir um esforço

de compreensão recíproca entre as diferentes linhas de desenvolvimento da Terapia Centrada na Pessoa, eliminando inúteis depreciações e buscando o seu mútuo enriquecimento. A versão clássica de Chicago da Terapia Centrada no Cliente, a Terapia Experiencial de Gendlin, a linha cognitiva de Laura Rice, a versão vivencial desenvolvida pelo Centro de Estudos da Pessoa de La Jolla, Califórnia, assim como a Terapia Expressiva de Natalie Rogers, possuem todos elementos complementares existentes, pelo menos em germen, no pensamento original de Rogers, e não têm porque ser vistas como opostas ou excludentes.

A isto devemos acrescentar o resgate de contribuições às vezes obscurecidas por razões históricas e humanas tais como as da linha iniciada com Charles Truax e desenvolvida por Robert Carkhuff, a de Gerard Egan e outras, explícita ou implicitamente baseadas nos princípios fundamentais propostos por Rogers.

Necessitamos também de uma maior aproximação a outras escolas de pensamento dentro da Psicologia Humanista tais como a de Abraham Maslow, com a sua visão mais analítica, entre outros aspectos, das necessidades humanas, assim como a sua visão mais desenvolvida da abertura à transcendência; a de Rollo May, com os seus questionamentos sobre o espaço do mal na existência humana; a Gestalterapia de Fritz Perls, com os seus conceitos sobre a relação inegável entre o corpo e o restante do nosso organismo; a Logoterapia de Viktor Frankl, com a sua insistência na busca de significado na existência humana.

Num âmbito mais amplo, precisamos do enriquecimento das contribuições integráveis de outras escolas de Psicologia, como a Psicanálise, especialmente o pensamento de Heinz Kohut sobre o si-mesmo (self); o Behaviorismo, com a sua visão do elemento mecânico do ser humano e suas relações com a Abordagem Centrada na Pessoa, estudadas por Reinhard Tausch; e o pensamento piagetiano sobre o desenvolvimento de elementos da personalidade.

Será tarefa para o novo século aprofundar a exploração e explicitação dos fundamentos filosóficos da nossa teoria nas fontes da Filosofia Humanista Existencial e Fenomenológica, na qual encontramos uma concepção de ser humano (homem/mulher) claramente positiva e optimista que apoia a teoria da personalidade e do funcionamento pleno; uma insistência na existência sobre a essência, que nos proporcio-

na a base para uma melhor compreensão do carácter único das nossas vidas e da vivência dos valores; e uma aceitação da via fenomenológica como meio privilegiado de conhecimento, o que nos obriga a reconsiderar o nosso conceito de ciência.

Ainda assim, exige-nos não somente não negar a existência na nossa abordagem das influências provenientes da tradição filosófico-religiosa judaico-cristã, na sua versão amorosa, expressa em inúmeros elementos da sua concepção teórica, mas reconhecê-las adequadamente e ainda desenvolvê-las.

Ser-nos-á proveitoso cultivar um maior apreço pelas contribuições de visões culturais diferentes que, sem menosprezo da contribuição inicial de uma cultura americana anglo-saxónica, com os seus matizes pragmáticos, reconheça os desenvolvimentos alcançados nos países europeus com a sua larga tradição de aprofundamento teórico; os esforços das milenares culturas asiáticas, a nipónica em particular; os questionamentos das sociedades latino-americanas em transição, com as suas urgentes necessidades de justiça e desenvolvimento, e os desafios representados pelos jovens países do continente africano.

Será também necessário cultivar âmbitos como a educação, a organização, a sociedade e a transcendência - espaços naturais de desenvolvimento de aspectos essenciais do funcionamento humano -, como campos de investigação e trabalho dignos de igual importância à da Psicologia para promover a existência de uma teoria integral da pessoa humana, das suas relações e da promoção do desenvolvimento humano. Como exemplos mencionarei alguns desses aspectos:

- No âmbito da educação, devem ser analisados mais detidamente o processo de aprendizagem significativa e a relação professor-aluno para conseguir integrar a afectividade com a efectividade, a liberdade com a disciplina, o respeito do processo pessoal com a avaliação objectiva; e conciliar a importância da vivência afectiva com a necessidade da simbolização e a sistematização do pensamento, que permita uma necessária compreensão da nossa existência, enriquecendo assim a nossa vivência da mesma.
- No âmbito da organização, há urgência em incentivar a criatividade produtiva e a actualização por meio do trabalho, a criação de relações sadias de liderança e cooperação nas equipas de trabalho e a concepção das organizações como redes de rela-

ção em função das necessidades do ser humano.

- No âmbito da sociedade, requer-se o equilíbrio do poder pessoal com o poder colectivo, a harmonização do desenvolvimento pessoal com o comunitário e a adequação do funcionamento político de modo a contribuir para a resolução dos conflitos intergrupais e internacionais e para o desenvolvimento humano das nações e do mundo em geral.
- No âmbito da transcendência, tratado com certa timidez como o transpessoal, é necessária uma compreensão mais profunda da relação do ser humano com o absoluto, independentemente da posição pessoal sobre a existência de um Deus, ser superior único ou múltiplo. Cabe também aqui uma consideração a fundo das nossas relações pouco exploradas com o mundo em que vivemos e com o universo em geral, pois de outro modo, corremos o risco de destruí-lo em poucas gerações.

Sem abandonar o trabalho unidisciplinar a partir de diversas perspectivas, a psicológica inclusive, precisaremos desenvolver o estudo pluri e interdisciplinar do fenómeno humano; comparar inicialmente os diversos estudos, avançar para a realização de estudos conjuntos e aspirar alcançar algum dia, com a indiscutível dificuldade que isto representa, uma transdisciplinaridade na qual o estudo e o conhecimento transcendam as perspectivas parciais.

Isto implica a formação de uma concepção da Abordagem Centrada na Pessoa na qual as posições do psicólogo deixarão de ser vistas como centrais, para encontrar o seu espaço sempre importante ao lado e em relação às abordagens do sociólogo e do estudioso da política, do filósofo e do teólogo, do arquitecto e do músico, do engenheiro e do astrónomo, num esforço conjunto para elaborar uma visão holística e transdisciplinar do ser humano, seu funcionamento, suas relações e a promoção do seu desenvolvimento.

A investigação exige cada vez mais a integração da via privilegiada da metodologia qualitativa para a compreensão holística da existência humana, alcançando o reconhecimento do seu valor como método científico, sem cair no excesso de atribuir-lhe um valor exclusivo como meio de conhecimento da realidade, atitude que criticamos naqueles que vêm a metodologia quantitativa experimental como única fonte de ciência.

É necessário superar a discussão sobre a realidade como ilusão ou como espaço que ultrapassa a ca-

pacidade de todo o ser individual de apreendê-la na sua totalidade espaço-tempo-cultural e reconhecer a necessidade simultânea de compromisso com a verdade e de humildade para não nos erigirmos como seus supostos detentores nem tão-pouco cair num paralisante relativismo.

A prática profissional e paraprofissional sólida e ética requererá a urgência de programas de formação que contribuam para formar pessoas que possam responder às urgentes necessidades individuais e colectivas de promoção do ser humano em diversas áreas, resolvendo o terrível paradoxo da liberdade e dos critérios objectivos, da confiança no ser humano e a necessidade de chegar a acordos sobre competência e avaliação.

A promoção do desenvolvimento do ser humano precisa de uma prática profissional comprometida ao mesmo tempo com valores éticos que orientem a acção do promotor e com um respeito à liberdade que evite cair em imposições destes mesmos valores, convertendo-os em elementos de controlo do ser humano.

Em termos da Abordagem Centrada na Pessoa como projecto comunitário de académicos e profissionais, precisamos resolver a aparente contradição entre a liberdade pessoal e a necessidade de continuidade do esforço de desenvolvimento teórico e profissional, sem reduzir a existência à vida individual e encontrar e estabelecer formas de organização participativa e flexível, evitando cair em velhos modelos de estruturas rígidas e autoritárias, até alcançar a constituição de associações e organizações que permitam um frutífero trabalho em comum.

O desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa exige também a ampla difusão dos trabalhos de investigação e da sua aplicação à promoção, do desenvolvimento humano, tanto em revistas académicas e profissionais especializadas como em revistas de divulgação que permitam aos académicos e profissionais, assim como ao público em geral, conhecer as proposições da abordagem de maneira explícita e não diluídas noutros referenciais teóricos. É alentadora a existência de algumas revistas como *Person-Centered Review*, nos Estados Unidos, *Zeitschrift*, da Gesellschaft für Wissenschaftliche Gesprächspsychotherapie, na Alemanha e *Kontakte*, da Arbeitsgemeinschaft Personenzentrierte Gesprächsführung, na Áustria, dedicadas principalmente à publicação dos traba-

lhos da Abordagem. Em espanhol e português realizaram-se esforços esporádicos, sem conseguir até agora, infelizmente, a continuidade requerida.

Outra forma de contacto e enriquecimento mútuo que se torna necessário fortalecer e multiplicar são os ciclos de reuniões internacionais, regionais e nacionais, com diversidade nos seus formatos e objectivos, como os Foros Internacionais da Abordagem Centrada na Pessoa, iniciados em 1982, dos quais seis foram realizados (México, Inglaterra, EUA, Brasil, Holanda e Grécia), estando o próximo programado para 1998 na África do Sul; os Congressos Internacionais de Terapia Centrada no Cliente/Experiencial, iniciados por Germain Lietaer em 1987 (Bélgica, Escócia, Áustria), cujo quarto acontecerá neste ano de 1997 em Portugal; os Encontros Latino-americanos da Abordagem Centrada na Pessoa, iniciados em 1983 (três no Brasil, dois na Argentina, um no Uruguai, Bolívia e México), cuja nona reunião será na Costa Rica em 1998; as reuniões anuais da Associação para o Desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa nos Estados Unidos, iniciadas em 1986 em Chicago, este ano com sede em Nevada; existem também outras reuniões de carácter nacional, tais como os Foruns Brasileiros da Abordagem Centrada na Pessoa, iniciados em 1995 e as reuniões de língua alemã, entre outras.

Através destas redes, assim como das páginas electrónicas e outras formas de comunicação, começa também a ser possível algo que se fará indispensável em pouco tempo: o intercâmbio de artigos e proposições, tanto para seu enriquecimento prévio como para a sua difusão imediata a um público situado a grandes distâncias, se bem que, na opinião deste autor, o livro e a revista nunca são completamente substituídos pela electrónica; esta obriga-nos a reconsiderar a contribuição específica do impresso na difusão da cultura.

A Abordagem Centrada na Pessoa precisa de recuperar e preservar a sua história, tanto no que se refere à sua produção impressa (artigos, capítulos, livros e comunicações em reuniões), assim como gravações em áudio (discos, fitas e cassetes) e visuais (filmes e vídeos), de maneira que as contribuições de diversos indivíduos e grupos não se percam para a posteridade.

Sem dúvida alguma podemos afirmar que as referências sobre Abordagem Centrada na Pessoa já identificadas ultrapassam dez mil títulos. É desejável que, em futuras reuniões, se inclua como elemento impor-

tante a preservação dos textos apresentados para assegurar a sua disponibilidade aos interessados.

A formação de uma rede coordenada de centros de documentação que, como esforço comunitário, levem a cabo o trabalho de identificação, preservação, classificação e difusão do material disponível, far-se-á indispensável para evitar perdas irremediáveis. Os Arquivos Internacionais da Abordagem Centrada na Pessoa, na Universidade Ibero-americana, México, realizam actualmente uma tarefa pioneira de integração de trabalhos realizados por pessoas como Nel Kandel e Barbara Brodley, nos Estados Unidos; Germain Lie-taer, na Bélgica; Peter W. Schmid, na Áustria; o autor deste artigo, no México e Márcia Tassinari no Brasil.

Apresentei aqui alguns dos desafios que enfrentará a Abordagem Centrada na Pessoa no próximo sé-

culo, bem como exemplos de iniciativas existentes e possíveis para lhes dar resposta. Estou consciente de que esta visão está inevitavelmente influenciada pelas circunstâncias pessoais, culturais e sociais do seu autor e de que cada leitor terá as suas próprias opiniões sobre a importância de algumas delas e até mesmo sobre a sua pertinência.

Permitam-me concluir que me considerarei plenamente satisfeito se estas linhas contribuírem para promover no leitor a reflexão sobre o desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa, sejam quais forem as conclusões a que chegue.

Santa Fé, Cidade do México, 7 de Janeiro de 1997
(13 de Junho de 1997: tradução de Raquel Wrona Rosenthal).

